

# O Prazer de Ser um Oficial

Capitão de Mar e Guerra (Reserva) Mark Adamshick, Marinha dos EUA

*“Já que obtemos mais alegria ao darmos alegria aos outros, devemos refletir muito na felicidade que somos capazes de proporcionar.”*

—Eleanor Roosevelt

**R**ECENTEMENTE, APARECERAM VÁRIOS artigos sobre “liderança nociva”, no âmbito do corpo de oficiais, nas revistas *Military Review*, *Army* e *Military Times*. Sem dúvida, a liderança nociva é um fato. Não estou dizendo que ela não é um assunto importante, mas precisamos mais diálogo para equilibrar a retórica anterior sobre o tema. A dimensão sutil, mas ainda significativa, da carreira de oficial é tão importante hoje quanto em qualquer outro momento da história da nossa nação, e ela precisa muito ser destacada.

## Ser um Oficial

Ser um oficial pode ser divertido, e eu argumento com veemência que deve ser assim. Não divertido como um jogo de golfe ou natação, mas divertido no sentido mais profundo, de cumprir algo benéfico e bom. Ser parte de uma profissão vibrante é importante por várias razões. Primeiro, as pessoas não gostam de trabalhos que as façam se sentir infelizes. Segundo, o desempenho no trabalho corresponde positivamente com a satisfação no trabalho. Os trabalhadores felizes são efetivos e produtivos. Terceiro, os trabalhos considerados divertidos e gratificantes atraem os melhores e mais inteligentes à profissão. Não deve haver dúvida nenhuma de que o corpo de oficiais da



Exército dos EUA

Um sargento presenteia uma criança com um brinquedo em uma aldeia ao sudeste de Bagdá durante uma missão humanitária, 03 Jan 10.

nossa nação sempre esforçou-se para recrutar os melhores homens e mulheres, e também procurou mostrar que o prazer de ser oficial é essencial para manter essa tendência.

Como um oficial que recentemente passou para a Reserva remunerada, cheguei à conclusão de que a minha profissão não faz o suficiente para promover o prazer de ser oficial àqueles que estão servindo e nem àqueles que estão dispostos a servir. Quero que todos saibam que eu sempre tive muito prazer sendo um oficial das Forças Armadas. Sim, havia a separação [da família]; sim, havia privações; e sim, havia desapontamentos. No entanto, todas as manhãs quando eu acordava e vestia o uniforme, tinha orgulho de ser um oficial. A profissão que escolhi com orgulho me trouxe anos e anos de pura satisfação.

O General de Exército Frederick Franks, um destacado comandante combatente e herói da

---

*O Capitão de Mar e Guerra Mark Adamshick, Ph.D., é o Professor da Cátedra “Class of ‘69” de Estudo da Profissão de Oficiais, no Simon Center for the Professional Military Ethic, na Academia Militar dos EUA, em West Point,*

*Nova York. É bacharel pela Academia Naval dos EUA, mestre pela Kennedy School of Government da Harvard University e doutor pela University of Maryland.*

Operação *Desert Storm*, externou o prazer que ele experimentou como oficial nas seguintes palavras:

Eu não me arrependo do orgulho que tenho de nossa nação, nosso Exército e nossos soldados. Desde aquele dia em julho de 1955, quando eu vesti orgulhosamente a gandola de uniforme operacional com a inscrição “Exército dos EUA” acima do bolso e assumi minha posição em forma com os demais integrantes da minha turma em West Point, me senti orgulhoso por ser um soldado americano. Amava o Exército. Amava servir como soldado. Amava a causa a que servíamos<sup>1</sup>.

Ser um oficial *deve* ser prazeroso. Os oficiais devem alegrar-se por ter o privilégio diário de servir ao povo, ao pelotão, ao navio, à ala de aviação, ao regimento e à nação que eles amam. Isso deve ser inegociável. Para ser um oficial excepcional, deve-se ser não apenas competente, corajoso, fiel e confiável, mas também o protótipo do otimismo. Durante uma recente teleconferência com a Turma de 2012 de West Point, o Comandante da 1ª Divisão de Cavalaria, General de Brigada Daniel B. Allyn, enfatizou a importância da responsabilidade de um oficial em motivar e encorajar seus soldados. Falando a partir do Afeganistão, o General Allyn disse: “Você precisa ser aquele que os encoraja quando eles estão desanimados”. Ele recomendou aos cadetes que incorporassem o espírito de esperança e otimismo e declarou: “Cada dia ao longo dos últimos 30 anos eu passo amando o fato de ser um oficial do Exército”.

---

### **Os oficiais na profissão das armas juram lealdade para servir à causa mais nobre.**

No dia seguinte, o General de Exército Raymond T. Odierno, Chefe do Estado-Maior do Exército, expressou a mais de 1.000 estudantes que cursavam o último ano acadêmico, que ele mesmo, quando cadete, pensava que poderia ser “um dos que a cada cinco caíam fora”; mas ele amava ser

um oficial e isso foi uma importante razão para permanecer [O oficial que conclui a Academia Militar de West Point se compromete em servir ao Exército por cinco anos em troca do estudo recebido — N. do T.].

### **Prazer na Profissão**

Então, de onde vem o prazer de ser um oficial?

A história da felicidade de um oficial começa com o juramento de serviço. Os oficiais na profissão das armas juram lealdade para servir à causa mais nobre. Tanto os códigos éticos quanto legais lhes exigem que sejam agentes de moral extraordinário na execução de seu serviço. A Constituição dos Estados Unidos estabelece os valores permanentes que enquadram a ética profissional militar, e o Título 10 da *United States Code* (Army, seção 3583) exige que “todos os oficiais do Exército em função de comando e outros, no exercício de sua autoridade, mostrem, em si mesmos, um bom exemplo de retidão, honra, patriotismo e subordinação; e que suprimam e se previnam contra todas as práticas dissolutas e imorais, e corrijam, conforme as leis e regulamentos da instituição, todas as pessoas que as estejam infringindo”.

Essas rigorosas obrigações de um oficial não exigem que eles sejam felizes o tempo todo. Tampouco ser um oficial efetivo exige que ele se sinta feliz. Eu tive a oportunidade de servir com muitos oficiais que raramente, se é que alguma vez aconteceu, pareciam felizes e ainda assim conseguiram cumprir suas missões. O que argumento, é que, devido a esse decreto moral, os oficiais das Forças Armadas têm oportunidades ilimitadas para conhecer prazer e satisfação consideráveis. É possível que cada oficial conheça o mesmo prazer descrito pelos Generais Franks, Odierno e Allyn!

Qual é a relação entre recompensa e ser um integrante de uma profissão com um decreto moral extremamente rigoroso? George Washington, indiscutivelmente o mais importante e respeitado oficial desta nação, nos dá a resposta: “A felicidade e o dever moral estão vinculados inseparavelmente”<sup>2</sup>.

Adestramos, combatemos e morremos para um fim tão decente e bom que é essencial que os

oficiais trabalhem com uma visão direcionada inequivocadamente para a “felicidade”. Além da própria felicidade, os oficiais têm a responsabilidade adicional de vencer os desafios de suas rotinas, frequentemente onerosas e perigosas, com ânimo admirável, e depois liderar de uma forma a permitir que seus subordinados façam o mesmo. Eu reconheço, de bom grado, que isso é mais fácil de dizer do que fazer, mas mesmo assim, parece compensador explorar os princípios fundamentais de ser um oficial para promover o prazer.

### **Ser um Combatente**

Ser um oficial é, na prática profissional, ser um líder do Exército. Entender o que significa *ser* um oficial, isto é, ter um conceito do eu explícito da própria identidade, é essencial. Ser oficial do Exército é ser um guerreiro, um servidor da nossa nação, um integrante de uma carreira e um líder possuidor de caráter. Essas identidades inter-relacionadas moldam o comportamento dos oficiais e constituem a base de todo o processo de formação de um oficial das Forças Armadas. Uma vez comissionados, os oficiais são obrigados a sempre agir de uma forma coerente com essas identidades.

Referindo-se ao decreto moral do oficial, na realidade muito pouco de sua identidade profissional lhe exige que esteja feliz no cumprimento de suas atribuições funcionais. Talvez possa-se argumentar que a felicidade não é um método ou qualidade necessária para ser um oficial, mas sim uma integrante do conjunto das características que compõem um oficial. No século IV antes de Cristo, o filósofo grego Aristóteles alegou que a felicidade era algo completo e autossuficiente, o fim visado em cada ação e propósito<sup>3</sup>. Caso seja aceita essa noção, ser um oficial se torna um método ou meio para uma pessoa ficar satisfeita na profissão militar. Muitos grandes oficiais validam isso. Matthew F. Holland sugere em seu livro *Eisenhower Between the Wars: The Making of a General and Statesman* (“Eisenhower Entre as Guerras: A Criação de um General e do Político”, em tradução livre), que Eisenhower apoiou uma filosofia como essa:

Embora alguns desses atributos possam ser conferidos pelo que Aristóteles chamava fortuna ou sorte, no final, a felicidade de alguém era uma atividade virtuosa da alma. Dwight D. Eisenhower não era apenas um homem de sorte, mas alguém que assumia o dever como o guia de sua vida<sup>4</sup>.

É ingênuo sugerir que todo o corpo de oficiais deva estar feliz o tempo todo. Nossa profissão é exigente e frequentemente repleta de grandes frustrações e perdas. O que eu ofereço aqui é mais uma opinião filosófica em relação à profissão das armas, uma visão que discutimos raramente porque os desafios táticos de nossas tarefas diárias frequentemente nos sobrepõem e esquecemos, ou não conseguimos, considerar o oficialato dessa forma. É importante, entretanto, que lembremos frequentemente como é especial e prazeroso ser um oficial das Forças Armadas.

---

### ***Ser um oficial é, na prática profissional, ser um líder do Exército.***

A respeito do primeiro componente da identidade de um oficial, eu pergunto: “Ser um combatente profissional pode nos trazer que felicidade?” Ser um combatente é seguir um código. Esperamos que os oficiais aprendam esse código desde o início de sua formação. Esse código lhes permite ficar separados moralmente de outros que matam, como assassinos, terroristas, sociopatas e tiranos. Em seu ensaio “The Warriors Code” (“O Código do Guerreiro”, em tradução livre), Shannon French explica a justificativa por esse código:

Ao estabelecer elevados padrões para si mesmos, soldados podem criar um cabo de resgate que irá permitir que saiam do inferno da guerra e se reintegrem à sua sociedade. O código do combatente pode abranger tudo, desde o tratamento a prisioneiros de guerra, à fidelidade aos juramentos e até à etiqueta à mesa, mas seu propósito principal é conceder nobreza à profissão das armas.

Isso permite que os oficiais mantenham tanto seu autorrespeito quanto o respeito daqueles que estão sob sua guarda e comando<sup>5</sup>.

Na prática de sua profissão, o combatente usa o juízo, compaixão, discernimento e a harmonia. Fazer qualquer outra coisa seria desonrar o código. Lutar como um combatente é fazer isso honrosamente, e isso é prazeroso. Basta observar uma Unidade que retorna de uma operação para constatar o prazer demonstrado pelos militares e seus entes queridos. Esses eventos são uma celebração por uma variedade de razões, mas uma delas é a felicidade decorrente do dever cumprido em prol do honroso serviço. Os combatentes que retornam se sentem satisfeitos, felizes porque estão em casa salvos, prazerosos por estarem reunidos com aqueles que amam, prazerosos por ver amigos e familiares e prazerosos por haverem lutado com honra. Combater com honra pode levar a um final prazeroso.

Ao longo de toda a minha carreira, presenciei momentos felizes durante cerimônias de promoção, condecoração e aposentadoria e mesmo em funerais militares. Nossa nação, nossos colegas e nossas famílias celebram nossos combatentes. Aqueles que são parte das comemorações dormem sobre os louros de haver lutado com honra. Servir a seu país com honra é satisfação pessoal e profissional.

### Servidores da Nação

Os oficiais das Forças Armadas são servidores da nação. Como muitos outros homens e mulheres em profissões perigosas, frequentemente eles arriscam suas vidas pela segurança e liberdade de outros. A guerra é feia, e lutar é frequentemente custoso e implacável. O espaço de batalha de hoje não é apenas implacável, mas também imprevisível.

Então onde existe o prazer na guerra? Tucídides escreveu: “Ser feliz significa estar livre e estar livre significa sentir-se corajoso”<sup>6</sup>. Essas palavras simples nos lembram de um dos mais importantes princípios básicos da nossa nação. Para buscar a felicidade precisamos estar livres, e a preservação dessa liberdade depende diretamente dos ombros

dos homens e mulheres corajosos que respondem ao chamado de nossa nação para servir. Como oficiais, precisamos fazer com que esse princípio básico seja despertado continuamente naqueles que lideramos. O serviço pode ser difícil, o serviço pode ser solitário, o serviço é, às vezes, brutal e horripilante, e as memórias da guerra podem assombrar todos nós muito depois do término de um conflito, mas comandantes bem intencionados descobrem formas de vincular o sacrifício aos princípios básicos da profissão, de maneira a torná-los significativos e relevantes



Força Aérea dos EUA, Sgt Mike Andriacco

A Major Karla Porch, à esquerda, oficial de operações do Comando de Apoio Regional Norte, conduz uma cerimônia de realistamento para um sargento da Força Aérea, em Qala-i-Jangi, perto de Mazar-e-Sharif, no norte do Afeganistão, 30 Mai 11.

para os seus liderados. A resistência exige espírito e otimismo, mesmo sob condições inóspitas. Os oficiais precisam conduzir sua tropa de forma que fique evidente que eles se preocupam mais com os seus subordinados que consigo próprios.

Para servir à sua nação, conheça suas tropas, porque como o Marechal Omar Bradley disse:



Em frente ao famoso Arc de Triomphe em Paris, o Marechal Dwight D. Eisenhower, à esquerda, Comandante Supremo da Força Expedicionária Aliada, se dirige aos franceses eufóricos. À direita dele estão o Gen Joseph Koenig, Comandante Militar de Paris, e o Gen Omar N. Bradley, Comandante do 12º Grupo de Exército, 17 Ago 44.

“O maior líder do mundo nunca poderá vencer uma campanha a não ser que entenda os homens que deve liderar”<sup>7</sup>.

Os oficiais precisam conhecer suas tropas como conhecem seus próprios filhos. Colin Powell observou:

O dia em que seus soldados pararem de contar seus problemas será o dia em que você parou de liderá-los. Ou eles perderam a confiança de que você possa ajudá-los ou concluíram que você não se importa mais com eles. Em qualquer dos dois casos, sua liderança fracassou<sup>8</sup>.

Servir à sua nação para preservar a liberdade, com abnegado sacrifício por aqueles que você

comanda, *deve* ser inequivocamente prazeroso. Comande com atitude positiva, e ela se transmitirá às suas tropas. Eles irão trabalhar mais arduamente e serão mais eficientes. Ao ver seus homens e mulheres se mostrarem à altura dos desafios exigidos, você poderá, com satisfação, constatar que desempenhou seu papel como servidor da nação. Quando eles sentirem o mesmo prazer do oficial, irão segui-lo incondicionalmente, irão lutar para você, estarão dispostos a morrer por você e pela nação.

Quando alguém se torna oficial, significa juntar-se a uma profissão repleta de história e tradição e cujos integrantes ilustres incluem figuras

como Washington, Grant, Bradley, Marshall, King, Nimitz, Arnold, Hoar, Krulak e outros. Devemos sentir prazer ao vestir o mesmo uniforme usado por muitos desses grandes heróis estadunidenses? Sem dúvidas!

Contudo, isso nem sempre é o caso. O Coronel da Reserva remunerada Don Snider sugere que ser integrante da carreira militar exige um auto-conceito de “eu” compartilhado. Essa identidade compartilhada foi criticada por ser alinhada incorretamente com o significado verdadeiro de ser um oficial:

Os oficiais do Exército se sentem diminuídos em seu potencial de satisfação e inspiração individual devido ao conceito de “eu” mal concebido, que contribui diretamente para o descontentamento de oficiais subalternos, para a falta de capitães e a utilização errada dos tenentes<sup>9</sup>.

Ter um conceito de “eu” comum implica que integrantes da profissão compartilhem os mesmos valores, crenças e normas e ajam de forma consistente com eles. Isso é, de fato, a ética profissional militar, e é essencial que oficiais adotem-na para liderar, combater e vencer exitosamente. Igualmente importante, como Snider sugere, a ética profissional militar apresenta possibilidades ilimitadas para melhorar a inspiração e a satisfação (prazer) dos oficiais. Benjamin Franklin acreditava em tal ética:

Seja estudioso de sua profissão, e você terá conhecimento. Seja investidor e econômico, e você será rico. Seja sóbrio e abastémio, e você viverá saudável. Seja virtuoso em geral, e você será *feliz*. No mínimo você terá, por meio de tal conduta, a melhor chance para obter esses resultados<sup>10</sup>.

As palavras de Franklin são coerentes com a ética profissional militar de hoje, que alinha espírito com comportamento, intenção com ação, aprendizado com legados e persistência intransigente entre o pensamento e a realização. Lembre-se do juramento durante a comissão. Você jurou fidelidade para apoiar e defender os princípios duradouros da liberdade, respeito e honra da Constituição. Por meio desse serviço

honroso como integrante da profissão das armas, você *pode e irá* encontrar prazer e felicidade incríveis.

O componente final da identidade de um oficial é possuir caráter. A meu ver, o caráter é o combustível que propulsiona o motor da crença; crença em si próprio, crença na missão e crença naqueles que lideramos. Os soldados, marinheiros, aviadores e fuzileiros navais não irão morrer por seu país a não ser que eles acreditem na sua causa. Você deve representar essa causa em todos de seus pensamentos, palavras e ações. O grande político estadunidense Henry Clay disse: “De todas as características que pertencem aos homens honrados, nenhuma é tão altamente valorizada como o caráter”<sup>11</sup>.

### Líderes de Caráter

O caráter de um oficial é admirado e contagioso. O caráter precisa ser sincero e deve-se desenvolvê-lo continuamente por todo o transcurso da vida. Embora permaneça um termo grandioso e mal definido, que tem significados diferentes para pessoas diferentes, caráter é simplesmente a soma final das virtudes de uma pessoa — honestidade, compaixão, prudência e coragem. A chave para desenvolver o caráter é identificar aquelas virtudes que precisamos melhorar e depois praticar equilibrando-as. Pode-se ser excessivamente prudente, ter falta de coragem ou ter deficiências, o que significa que essas virtudes se tornaram vícios. Para desenvolver o caráter, o oficial precisa estar continuamente consciente de seus vícios e trabalhar arduamente para corrigi-los.

Os oficiais são, também, responsáveis pelo desenvolvimento do atributo caráter em seus subordinados. Os hábitos pessoais virtuosos e um enfoque constante no desenvolvimento do caráter resultam no prazer de ser oficial. O caráter é a fonte de realizações, o resultado de acreditar em si próprio e em seu pessoal. Há pouca coisa mais prazerosa para um oficial do que ver um de seus soldados demonstrando coragem no combate, compaixão na perda, honestidade quando inquirido, moralidade quando for necessário matar, humildade quando reconhecido ou perseverança quando fatigado. O caráter possibilita que um

oficial tenha prazer em ver seus subordinados prosperarem na paz, vencerem na guerra e brilharem na vida sem precisar ouvir um “muito obrigado”.

Aqueles que servem, como nós servimos, e contra quem lutamos, sempre mudam, mesmo assim muitos aspectos da profissão de oficial são eternos. A profissão das armas é uma orgulhosa e honrosa atividade que exige dedicação, abnegação e sacrifício de todos seus integrantes e suas famílias. Por um momento, apenas por um momento, pondere e depois compartilhe o prazer que você sentiu ao se tornar um oficial. Fazer isso seria saudável para você, inspirativo para outros e bom para a profissão.

Recentemente, comecei a lecionar em West Point e me encontrei, por acaso, com uma antiga ex-aluna. Ela era aspirante a oficial da Academia Naval e estava cursando o semestre de outono na Academia Militar dos EUA. Ela parecia muito emocionada quando eu a vi e, depois de um breve “oi”, ela me disse que, finalmente, havia entendido o que eu tinha dito quando mencionei em uma aula há dois anos, que a razão de haver permanecido

na Marinha por 30 anos, foi porque ser um oficial me trouxe muita felicidade e nunca parou de ser divertido. Eu tinha ensinado aos *plebes* (estudantes de primeiro ano) que o prazer verdadeiro de um oficial é ver a transformação daqueles que você comanda. Mencionei que os oficiais se sentem verdadeiramente satisfeitos quando veem seus subordinados crescerem como pessoas, lutarem como uma equipe, completarem a missão e prosperarem em suas vidas.

Minha ex-estudante tinha acabado de cumprir o verão como integrante de uma equipe que treinava novos *plebes* na Academia Naval. Ela sorriu de alegria quando descreveu o prazer que sentiu olhando aqueles jovens homens e mulheres patrióticos crescendo diante de seus olhos, e como ela os ajudou a iniciar seus primeiros corajosos passos na longa marcha até a formatura. Eu lhe disse que sua carreira como oficial continuaria a lhe trazer grandes gratificações e felicidade. Quando ela ia se retirando, parou, virou e disse: “Muito obrigado, senhor!” Nada poderia ter me deixado mais feliz. **MR**

---

## REFERÊNCIAS

1. CLANCY, Tom e FRANKS, Frederick. *Into the Storm* (New York: Berkley Publishing, 2007), p. 542.
2. BRADY, Chris e WOODWARD, Orin. *Launching a Leadership Revolution: Mastering the Five Levels of Influence* (New York: Hachette Book Group, 2005), p. 49.
3. BEAUCHAMP, Tom. *Philosophical Ethics* (New York: McGraw-Hill, 1991), p. 220.
4. HOLLAND, Matthew. *Eisenhower Between the Wars: The Making of a General and Statesman* (Westport, CT: Praeger Publishers, 2001) p. 50.
5. FRENCH, Shannon. “The Warrior’s Code”, *Air University*, 2001, 13 Sep. 2011, disponível em: <<http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/jscope/french.htm>>.
6. *Respectfully Quoted: A Dictionary of Quotations Requested from the Congressional Research Service*, Washington, D.C.: Library of Congress, 1989; Bartleby.com, 2003, 10 Nov. 2011, disponível em: <[www.bartleby.com/73/](http://www.bartleby.com/73/)>.
7. Department of the Army, “Leadership Statements and Quotes”, (Washington, DC: 1985), p. 2.
8. “Colin Powell”, 1-Famous-Quotes.com, Gledhill Enterprises, 15 Sep. 2011, disponível em: <<http://www.1-famous-quotes.com/quote/41167>>.
9. SNIDER, Don M. “Officership: The Professional Practice”, *Military Review*, (January-February 2003): p. 3.
10. “Benjamin Franklin”, Gledhill Enterprises, de 1-Famous-Quotes.com, disponível em: <<http://www.1-famous-quotes.com/quote/42555>>, acesso em: 16 set. 2011).
11. Henry Clay (n.d.), from *FinestQuotes.com* Web site: <[http://www.finestquotes.com/author\\_quotes-author-Henry-Clay-page-0.htm](http://www.finestquotes.com/author_quotes-author-Henry-Clay-page-0.htm)>, acesso em; 16 set. 2011.